

Vidas Esquecidas:



*Jeannot Jansen da
Silva Filho*

Capitão Luiz Antony, o Amazonas na Guerra do Paraguai

As Origens

Quando pisou no pequeno povoado, o Lugar da Barra do Rio Negro (atual Manaus), vindo de Lisboa, ficou deslumbrado. Enquanto o pai, silenciosamente, demonstrava melancolia e decepção, para o garoto era tudo alegria. O lugarejo parecia um parque só, com árvores e igarapés. Tinha cerca de 5 anos de idade. Divertia-se olhando uns meninos brincando com dois macacos, pulando de um para outro.

Luiz Antony e seu pai desembarcaram naquele lugar estranho, uma Comarca da Província do Grão Pará, em torno de 1825. O pai, Henrique Antony, tinha origem na Córsega. Acompanhava-os a irmã de Luiz, chamada Maria.

A Córsega é uma grande ilha do Mediterrâneo. Dista da França cerca de 170 km e da Itália a metade disso. Conquistada por Gênova, viveu lutando pela independência.

Em 1738 a França apoiou os genoveses e, em 1768, adquiriu os direitos sobre a ilha.

Em 1751 foi criado o Estado do Grão Pará e Maranhão, que incluía o atual Amazonas. E em 1755 é criada a Capitania de São José do Rio Negro, compreendendo os territórios dos atuais Amazonas e Roraima.

O grande herói da Córsega é Pasquale Paoli. Carlo Bonaparte, pai de Napoleão, foi seu secretário. Enrico Antony, pai do emigrante Henrique, que desembarcou com dois filhos no Amazonas, foi oficial no Exército rebelde. Em 15 de agosto de 1769, nasceu Napoleão Bonaparte; se nascesse quinze meses antes, não seria francês e sim italiano.

Em 1791, a sede da Capitania de S. José do Rio Negro foi transferida da Vila de Mariuá, atual Barcelos, para o Lugar da Barra do Rio Negro (depois chamado Vila da Barra e, a partir de 1856, Manaus).

Hoje, a Córsega é uma região administrativa da França.

Em 1808, liderada por D. João VI, a Corte portuguesa, pressionada por Napoleão, atravessou o Atlântico e levou a sede do reino para o Brasil. Seu retorno ocorreu em 1821. Em 7 de setembro de 1822, o Brasil separou-se de Portugal e teve D. Pedro I como Imperador. Em 6 de agosto de 1826, nasceu o Príncipe Pedro II. No mesmo ano, D. Pedro I tornou-se rei de Portugal (D. Pedro IV) e abdicou a favor de sua filha, D. Maria. A Imperatriz Leopoldina, esposa de D. Pedro I, morreu em 11 de dezembro desse mesmo ano.

No Amazonas Provincial

Em 1831, D. Pedro I abdicou em favor do filho Pedro, com 5 anos. O jovem Príncipe passou a governar o país, como D. Pedro II, a partir de 23 de julho de 1840, com 14 anos e 7 meses.

Subindo o rio Negro, após deixar o Amazonas, encontrava-se o Lugar da Barra. O que primeiro se via era o Forte da Barra, que dera origem ao povoado. Uma construção tosca, cercada por um muro pintado a cal, quase caindo, mas retendo sua forma



Manaus, entre 1840 e 1860 (Entrada da Vila da Barra do Rio Negro. Viagem através da América do Sul, M. Paul Marcoy, desenho de Riou)

original quadrangular. Parecia abandonado. Aqui e acolá, sem noção de estética, casebres de madeira cobertos de palha. À medida que a embarcação se aproximava, aglomeravam-se os habitantes no pequeno porto, à busca de notícias, tempo em que não havia telégrafo. Uma igrejinha coberta de palha, um pouco mais distante, expunha seu perfil. Assim, os dois edifícios mais visíveis eram os que representavam as duas forças que controlavam a região: o crucifixo e a espada.

“Enrico! Enrico!” As pequeninas mãos de Luiz Antony reagiram freneticamente apertando as de seu pai, gritando insistentemente: “Estão chamando você, papai!”. Henrique Antony olhou e, aliviado, viu seu amigo Francisco Ricardo Zani. Os dois se abraçaram, emocionados.

Zani era coronel, nascido na Córsega e companheiro de Henrique Antony nos movimentos pela liberdade corsa. Incentivou os Antony para atravessarem o Atlântico.

Foi ele que mandou fazer a murça, confeccionada com penas e penugens de aves, presente para D. Pedro I. Como este havia abdicado, foi usada por Pedro II no ato de sua entronização. Pode ser admirada no Museu Imperial de Petrópolis.

O encontro dos dois amigos foi repleto de recordações. Os Antony dormiram, como doravante fariam, naquelas estranhas redes. Na manhã seguinte, andando pelo povoado, viu as ruas sujas, lamacentas, sem nomes. Anos depois, duas delas levariam seu nome: ruas Henrique e Luiz Antony, hoje importantes vias no centro de Manaus. Tinha vindo para conhecer. Gostou. E aí ficou.

A seus filhos confidenciara que fugira da Europa por ter “sua cabeça a prêmio”. Viera com recursos financeiros suficientes para lhe permitir tornar-se importante comerciante regional. Em um sobrado de sua propriedade, foi instalado o palácio do governo por algum tempo. Nunca esclareceu seu passado. Casou com Leocádia Maria Brandão em 1839, sobrinha de D. Frei Caetano Brandão, 6º Bispo do Grão Pará, com quem teve cinco filhos.

A Comarca do Alto Amazonas, criada em 1824, incorporada à Província do Grão Pará, ganhou autonomia como Província do Amazonas em 1850, tendo Manaus como capital, recompensa pela fidelidade ao Império durante a Revolta da Cabanagem.

Henrique legou a seus filhos o sentimento de honra e família. Naturalizado, jurou fidelidade às leis brasileiras em 1854. Mais tarde iria oferecer, em holocausto, à sua nova pátria, o bem mais precioso de um homem, o filho primogênito, Luiz Antony.

Quando a expedição de Louis Agassiz esteve em Manaus, em 1865, recomendada por Pedro II, foi recebida por Henrique. Essa passagem será descrita por Elizabeth Agassiz, esposa e relatora da famosa viagem.

Do filho Luiz Antony menos se sabe. Foi comerciante e servidor público. Nenhuma informação sobre sua infância ou juventude. Nasceu na Córsega? Talvez, mas pode ter sido na Europa. Sua mãe? Nada há sobre ela. Sabe-se que foi um homem honrado e honesto, bom filho e ótimo pai.

Casou com Francisca Maria da Conceição Perdigão, conhecida como Chiquinha.

Com ela, teria quatro filhos: Antônio Guerreiro, Hildebrando Luiz, João e Leandro, o mais novo, que não o conheceu; ao nascer, em 25 de outubro de 1865, o pai encontrava-se no Teatro de Operações do Paraguai.

Em 1858, “as desinteligências com o Paraguay, que pareciam precursoras do flagello da guerra, terminaram por um accordo honroso para ambos os Paizes, graças á sabedoria do Governo Imperial.” (1)

Luiz Antony sempre viveu no Amazonas, então um desafio assustador. Inexplorada, isolada, com índios hostis e uma barreira de selva. A gigantesca rede fluvial era a única e perigosa via de penetração. Rios, corredeiras, igarapés e igapós tornaram-no habilidoso no transporte fluvial, na travessia de terrenos alagados e pantanosos, na caça e com armas de fogo. Habilidades que lhe seriam preciosas, anos mais tarde, no Paraguai.

Foi cidadão ativo no desenvolvimento do Amazonas. Assinou o Auto de Imposição da 1ª Pedra para edificação da nova Igreja Matriz de Manáos, definitivamente capital

da nova Província, em julho de 1858. Era respeitado por repetidamente fazer parte do Júri da Comarca de Manaus.

Luiz Antony, em fevereiro de 1857, foi nomeado amanuense (escrivão) da Administração da Fazenda Provincial, cargo exercido com reconhecido destaque. Pediu demissão em maio de 1859, pois, sendo Alferes (equivalente ao Aspirante a Oficial atual) da Guarda Nacional do Amazonas, foi convocado para serviço daquela instituição.

“RELAÇÕES ENTRE BRASIL E O ESTADO ORIENTAL DO URUGUAY. a adopção de providencias que efficazmente protejam os brasileiros alli residentes (no Uruguai), exigiram um ultimo apello áquelle Estado O governo da república não correspondeu com a solução desejada.... collocou (o Imperador) na necessidade de expedir instrucções ... para represálias.” (1)

O PRELÚDIO DO CAOS

“Perdidas as esperanças de uma solução pacífica para as questões que traziamos pendentes com o Estado Oriental, tiveram começo as operações.... resolveu-se pela rendição da praça de Montevidéo... Infelizmente.... A republica do Paraguay... tomou por pretexto a invasão do território Oriental para romper as relações de paz com o Brazil... enviou uma expedição militar ao território de Matto-Grosso... Tão enormes attentados não ficarão impunes.” (1)

Aglomeravam-se no porto os habitantes de Manaus, como sempre faziam ao atracar um navio. Era janeiro de 1865, calor forte após chuva típica do “inverno” amazônico. Todos procuravam cartas, jornais, novidades. A maior delas era a invasão de Mato Grosso e a tomada do Forte Coimbra por tropas paraguaias. Ninguém imaginava o impacto que as notícias daquele dia produziram na vida de muitos de seus moradores. Luiz Antony era um deles. Não sabia que, três meses depois, estaria embarcando para combater os invasores.

Em 15 de fevereiro de 1865 finalmente caiu Aguirre (Presidente da República Oriental do Uruguai), pondo fim às operações que tropas brasileiras desenvolviam naquele país.

(1) Relatórios dos Presidentes da Província do Amazonas para a Assembleia Legislativa Provincial (de 07/09/1858, 03/05/1861, 19/01/1863, 01/10/1864, 08/05/1865, 05/09/1866 e 04/04/1869).

A realidade é que o Brasil não estava preparado para a guerra. O Imperador Pedro II era um pacifista convicto e priorizava a atuação da diplomacia. Para reagir, o Império, apesar de uma Armada poderosa, só dispunha do pequeno Exército de Linha (Exército permanente), da desorganizada Guarda Nacional e dos desarmados Corpos Policiais (Polícias Militares) provinciais.

O Exército possuía três Armas: Infantaria, Cavalaria e Artilharia, com Unidades móveis (preparadas para a guerra) e fixas (destinadas à segurança interna). A Infantaria, por exemplo, tinha 13 Batalhões móveis: 9 estiveram em campanha no Uruguai e todos os 13 no Paraguai. No Amazonas havia unicamente o 3º Batalhão de Artilharia a pé, com apenas uma Seção de Batalhão pronta (com 158 praças previstas e 96 existentes, em 1864).

As Unidades fixas (quinze) compunham os Corpos de Guarnição das Províncias, sob “controle operacional” de seu Presidente. Reorganizadas para a campanha, constituíram 9 Batalhões de Infantaria (BI). O Corpo de Guarnição do Amazonas possuía cerca de 200 praças, em 1864.

“Do que tínhamos antes da guerra, apenas alguns Corpos existentes nesta Corte, e na Província do Rio Grande do Sul, apresentavam aspecto lisonjeiro; os outros, porém, fracionados e distribuídos em destacamentos por diversas localidades, mal fardados e armados.... aplicados a serviços de polícia e em outros inteiramente estranhos a sua instituição, não podiam desempenhar a nobre missão que lhes é incumbida.” (do Ministro da Guerra, 1865).

A Guarda Nacional, criada em 1831, começou mal, pois tinha dupla subordinação: Presidente da Província e Ministro da Justiça. Poucas Províncias possuíam uma Guarda minimamente organizada. Destinada para a segurança pública, afinal constituíram muitos Corpos de Voluntários que estiveram no Paraguai. No Amazonas, em 1864, a Guarda Nacional organizava-se em um Comando Superior, 4 BI e 1 Seção de Batalhão de Artilharia, com efetivo previsto, mas inexistente, de 5.494 homens. Tão ineficaz que os Presidentes Provinciais decidiram dispensá-la totalmente de qualquer serviço.



Artífices: Alferes – Uniforme Grande Gala, Capitão e Praça – 2º Uniforme (1858)



Na sequência, Tenente de Artífice 1º uniforme (1845-1851), Capitão do Imperial Corpo de Engenheiros – Uniforme Grande Gala (1852), Tenente-Coronel do Imperial Corpo de Engenheiros – 2º Uniforme (1852)



Engenharia (1865-1871). Alferes, Soldado e Sargento (1865-1866). Soldados trabalhando (1867-1871); Pequeno Uniforme

1864: “GUARDA NACIONAL.... que se dê uma organização especial a esta força. No estado em que se acha, não vejo de que utilidade possa ser ao estado e particularmente á província. De tudo carece.... como de armamento. Sem disciplina, sem instrução, sem Idea do que é e para o que se destina, a guarda nacional pode ser tudo, menos uma milícia... Sendo incumbida de auxiliar, nos domingos, a guarnição da cidade, foi afinal dispensada d’esse serviço, que raríssimas vezes prestou....” (1).

Finalmente havia os Corpos Policiais. Embora nem todas as Províncias os possuíssem, cerca de 4.600 policiais estiveram em campanha. A Província do Amazonas, instalada em 1852, não havia criado seu Corpo Policial.

Surpreendido pelo conflito, o Império viu-se impedido de reagir como deveria.

A espantosa realidade do insuficiente efetivo impôs medidas extraordinárias.

A Lei de 21 de janeiro de 1865 convocou 14.796 Guardas Nacionais, estabelecendo cotas para cada Província. Ao Amazonas coube 230 Guardas.

O Decreto de 7 de janeiro de 1865 criou os Corpos de Voluntários da Pátria: “São criados extraordinariamente Corpos para o serviço de guerra, compostos de todos os cidadãos maiores de 18 e menores de 50 anos, que voluntariamente quiserem se alistar, sob as condições e vantagens abaixo declaradas.” O resultado foi positivo. Voluntários da Pátria chegaram a 75% do Exército em operações no Paraguai, com desempenho às vezes igual ou melhor que o da tropa de Linha.

O Presidente do Amazonas embarcou imediatamente os militares existentes na Província: o Corpo de Guarnição (197 homens), a Seção de Artilharia (96 homens) e 226 soldados destacados do

5º BI, sediado no Maranhão. Um total de 351 militares partiu no Tapajoz, em 27 de fevereiro de 1865.

A comida, farta, era saborosa. Luiz Antony e sua família jantavam, em silêncio. Era fevereiro de 1865. Dias antes, Manaus soube da invasão de Mato Grosso e da convocação dos Voluntários da Pátria. As crianças falavam só quando lhes perguntavam algo. A mãe, D. Francisca, contava que.... Sr. Luiz, está escutando? Ele respondeu: “não. Quero comunicar que tomei uma decisão. Sou voluntário e irei para a guerra, no Paraguai”. As crianças tinham 6, 5 e 2 anos; não entendiam a dramaticidade que as palavras carregavam, mas percebiam a tensão à mesa. A esposa e mãe ficou atônita! Como? Por quê? Procurou todos os argumentos possíveis e passou a noite chorando. Luiz foi irredutível. Já havia falado com o pai, que aprovara a decisão. Dia seguinte, acordou cedo e, sendo Alferes da Guarda Nacional, declarou-se voluntário. Crescera ouvindo as heroicas histórias dos cursos contadas pelo pai, o que lhe reforçava a vontade de defender a pátria. Sua esposa, preocupada e temendo o futuro, pedia-lhe que desistisse da ideia que, a cada dia, ele justificava com maior fervor.

Os dois meses seguintes foram de frenética preparação. Em 18 de abril de 1865, Portaria do Presidente da Província o promove a Tenente; e Portaria de 22 de abril o designa para serviço destacado no Paraguai. Estava definido. Iria para a guerra.

(1) Relatórios dos Presidentes da Província do Amazonas para a Assembleia Legislativa Provincial (de 07/09/1858, 03/05/1861, 19/01/1863, 01/10/1864, 08/05/1865, 05/09/1866 e 04/04/1869).

Rua do Imperador, em Belém.
Fotografia de Felipe Augusto Fidanza (1847-1904).



Acervo: Biblioteca Nacional

Escola Militar da Praia Vermelha. Óleo sobre tela de José de Arimatéia, 2008.



D. Francisca aprontou a mala do marido, lenta e organizadamente. Ele, sentado na cama, dizia o que necessitava. Sentia-se sufocado por emoções contraditórias. Queria ir, mas também queria ficar.

Dolorosamente chegou o dia da partida, 26 de abril de 1865. Vestida com a melhor roupa e o chapéu azul que o marido mais gostava, não podia conter as lágrimas. Foi assistir ao embarque, ao qual as autoridades e a elite social compareceram. Seus olhos azuis se destacavam. Os filhos caprichosamente usavam as roupas domingueiras. Todos sentiam, silenciosamente, muita tristeza. Embarcaram para Belém no vapor Tapajoz, com um total de 262 praças. De Belém seguiriam para a Corte. No mesmo navio estavam o Tenente Menandro Leandro Monteiro Tapajós e os Alferes Henrique Antony de Albuquerque (2) e Joaquim Benjamim da Silva, todos da Guarda amazonense. Serão companheiros inseparáveis, na glória e na tristeza (3).

MIL VEZES MALDITA GUERRA!

“Afinal, a Guerra do Paraguai é comparável à do Vietnã, pela dificuldade logística, pelo envolvimento da população do país e, até, por ações típicas de guerrilha. O notável é que vencemos.” (Armando de Senna Bittencourt)

A questão militar no Uruguai estava pacificada, e o Brasil se reorganizava para enfrentar López. A invasão acontecia no isolado Mato Grosso, invadido por 7.000 paraguaios que ocuparam Corumbá, em abril de 1865.

Convocados 9.000 Guardas Nacionais de São Paulo e Minas Gerais para a Força Expedicionária criada para atuar no Mato Grosso, não se conseguiu mais que 1.300. Era o anúncio da tragédia. Em julho de 1865,

foi reunida em Uberaba, com tropas de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Paraná e a *Artilharia oriunda de Manaus*. Com a invasão do Rio Grande do Sul, o Governo Imperial, convencido da vital importância da campanha no sul, “esqueceu e abandonou” as operações no Mato Grosso. A tropa brasileira alcançou a fronteira no rio Apa só em abril de 1867, reduzida a 1.700 soldados. Um terço morrera por fome ou doença. Invadiu o Paraguai e alcançou a *Estância Laguna*; sem comida, decidiu pela retirada, terminada em julho de 1867: a famosa *Retirada da Laguna*.

A artilharia expedicionária, com maioria amazonense, deixou Manaus em 27 de fevereiro de 1865. De Santos marchou com 4 canhões La-Hitte, tracionados a boi, incorporados na coluna de São Paulo. Dos 90 homens embarcados em Manaus, só 33 deles iniciaram as operações e apenas 3 retornaram ao Brasil. Seus nomes? Não se sabe.

(2) Não identificado na genealogia dos Antony. Amazonense, nascido em 1841. Provavelmente um dos muitos afilhados de Henrique Antony.

(3) Todos incorporados ao Batalhão de Engenheiros, com desempenho excepcional. Menandro Tapajós e Henrique Albuquerque receberam a Ordem da Rosa e foram promovidos, por bravura, a Capitão e Tenente. Menandro perdeu um braço tirado por uma granada e casou com Dolores Gaúna, argentina de Corrientes, durante a guerra. Retornou a Manaus. Henrique, promovido a Capitão em outubro de 1868, esteve na ocupação de Assunção com o 2º BI. Ferido, foi dispensado em dezembro 1869, indo morar na Bahia. Ambos receberam a honraria de oficiais honorários do Exército. Joaquim da Silva recebeu a Ordem de Cristo. Morreu na batalha do Boqueirão de Sauce, em 16 de julho de 1866.

De Belém, Luiz Antony partiu em outro vapor. Quase todos os passageiros iam para a guerra, com preocupações comuns. Desembarcou na Corte, em maio de 1865, alojado provavelmente nas instalações da Escola Militar de Aplicação do Exército, na Praia Vermelha, onde também estava o Batalhão de Engenheiros (Btl Eng). Por cartas, ele informava à família que “era próximo ao Pão de Açúcar”.

Diferentemente de outras Províncias, o Amazonas não enviou um Corpo de Voluntários constituído. Encaminhava contingentes para integrarem os Corpos organizados no Rio de Janeiro.

O Btl Eng, Unidade de elite, encontrava-se em reorganização, justo quando os oficiais amazonenses eram condôminos do mesmo quartel.

Luiz Antony tinha o perfil do oficial necessário. Disciplinado, responsável, líder

O legendário
Marechal Manoel
Luis Osorio, Marquês
do Herval, Patrono
da Arma de Cavalaria



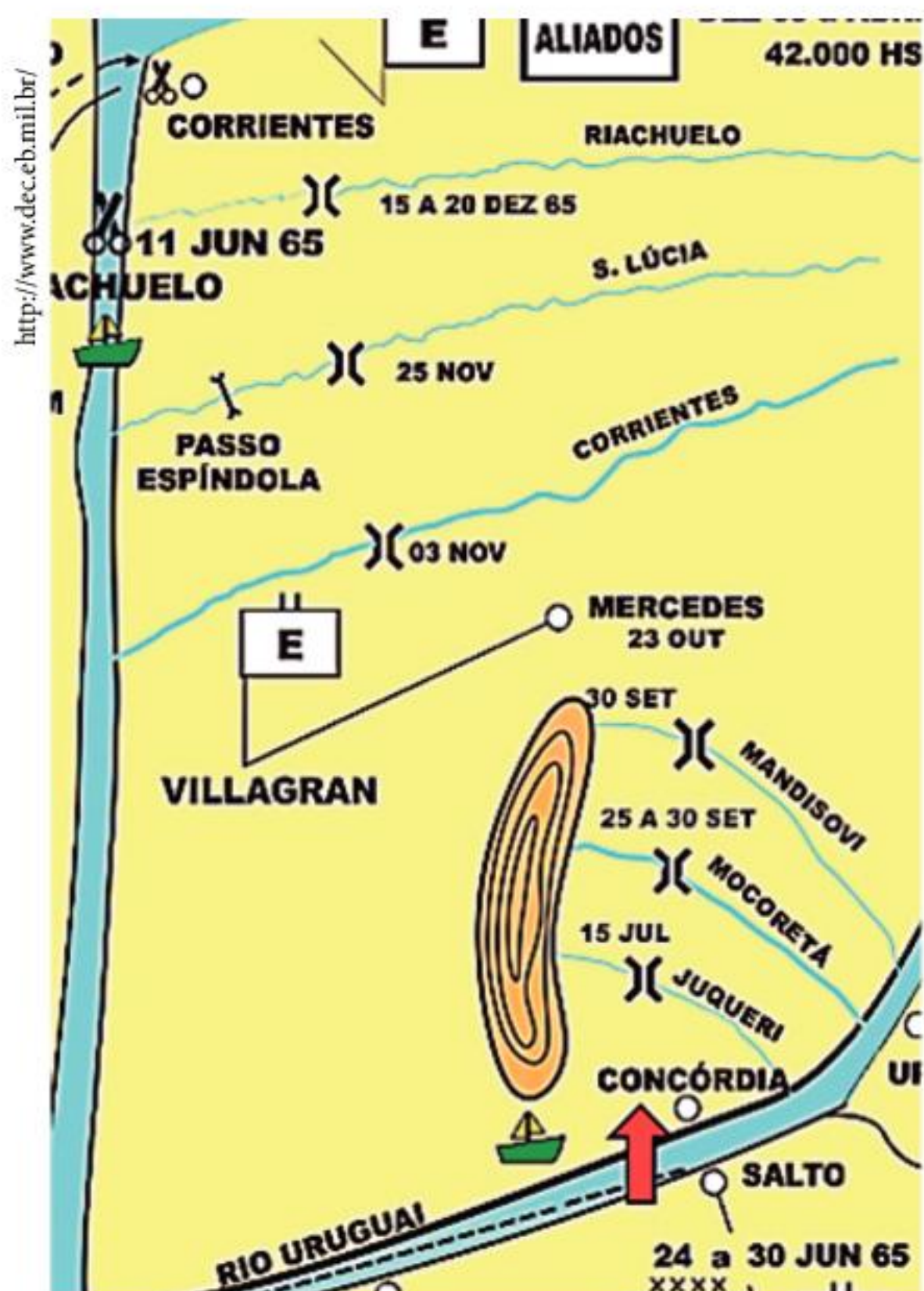
Acervo: Exército Brasileiro

nato. Excelente atirador, ótima orientação na selva, nos rios e pântanos, experiente piloto de embarcações – capacitações preciosas, preciosas demais para quem ia desenvolver operações no Paraguai. Foi incorporado ao Btl Eng. Não iria decepcionar.

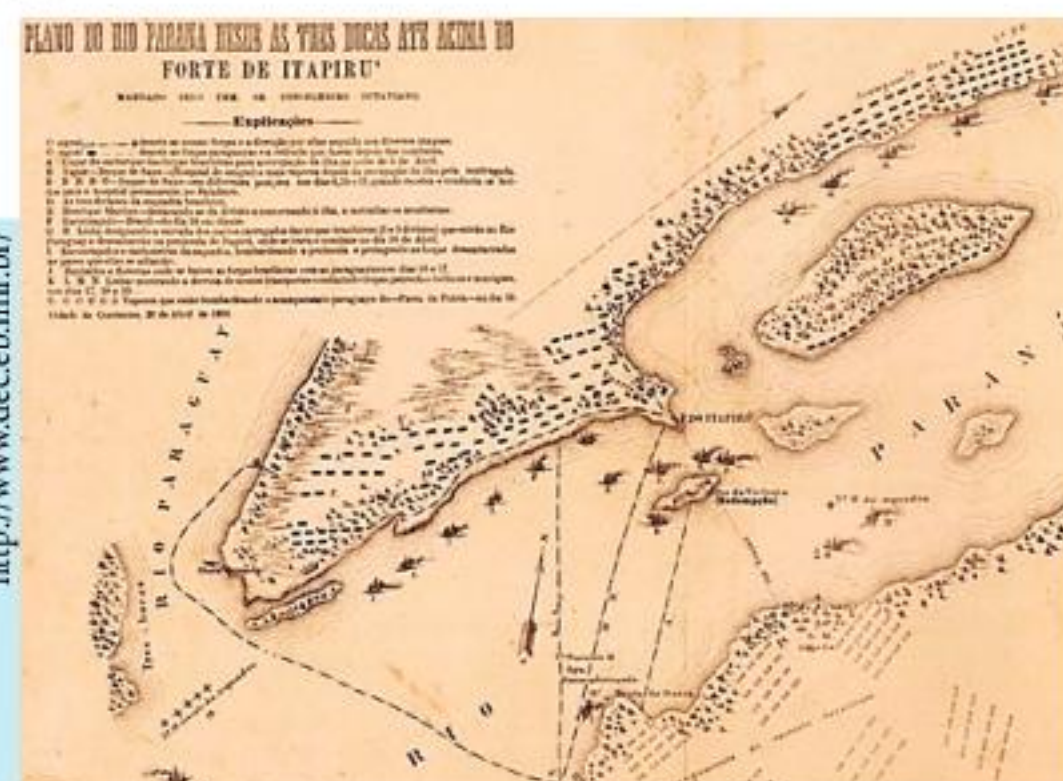
Após Mitre (Presidente da Argentina) negar passagem por seu território para López atacar o Brasil, forças paraguaias o invadem e conquistam Corrientes em 4 de abril de 1865, motivo para assinatura do Tratado da Tríplice Aliança. Em 10 de junho invadem o Brasil e em 5 de agosto ocupam Uruguaiana.

Em junho de 1865, o Btl Eng embarcou para Montevidéu, incorporando-se ao I Corpo de Exército do General Osorio, já em território argentino.

Em 18 de setembro de 1865, com a presença do Imperador D. Pedro I, os paraguaios se renderam em Uruguaiana.



Croqui da Mesopotâmia Argentina. Sucessivamente, o Batalhão transpôs o rio Corrientes (3/11/1865), o rio Santa Luzia (25/11/1865) e o rio Riachuelo (entre 15 e 20/12/1865)



O exército aliado acampado na margem esquerda do Rio Paraná, O Exército Paraguai ocupava a margem direita

Sob comando do Tenente-Coronel Villagran Cabrita, o Btl Eng realizou a grande marcha até a fronteira com o Paraguai, no rio Paraná. Foi nesse período que o Tenente Luiz Antony ganhou a experiência necessária como engenheiro combatente.

Em janeiro de 1866, acampado próximo ao grande rio, Luiz Antony soube do nascimento de seu caçula, Leandro, através de carta. Essa pequena troca de notícias criou formidável corrente de transmissão oral familiar de parte de sua história.

Os aliados estavam prontos para a invasão. A travessia seria em Três Bocas, no rio Paraguai, a 2 milhas da confluência com o Paraná. Uma ilha, chamada de Redenção, em frente à Fortaleza de Itapiru, no rio Paraná, seria ocupada, procurando iludir o inimigo quanto ao verdadeiro local da invasão.

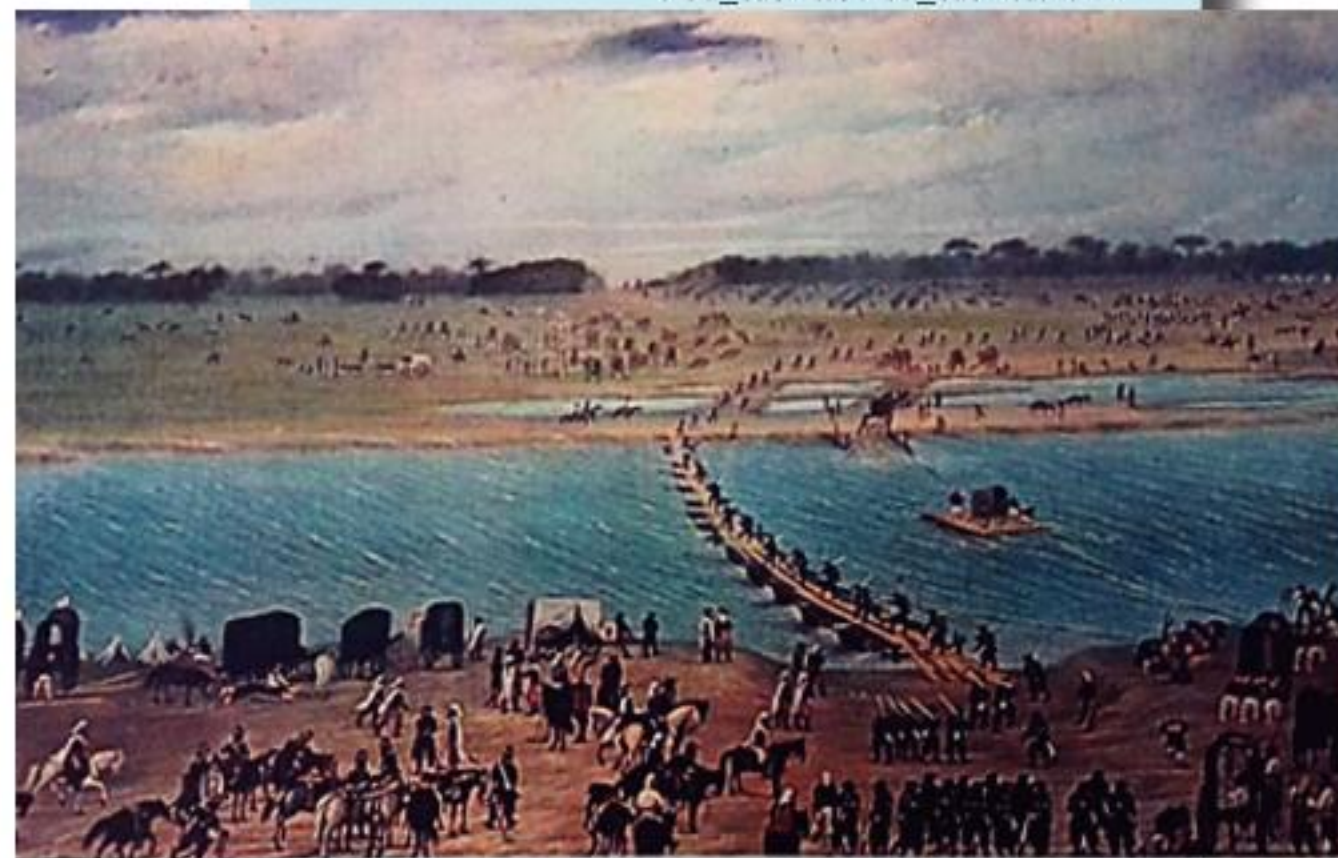
Entre engenheiros, artilheiros e infantess, 900 homens foram selecionados para a operação, comandada pelo próprio Tenente-Coronel Villagran Cabrita.

Luiz Antony estava jantando quando soube que tinha sido escolhido para integrar o contingente de 200 engenheiros que participariam da operação no dia seguinte, 05 de abril de 1866. Ficou nervoso, confidenciou. À meia-noite, já estava na ilha.

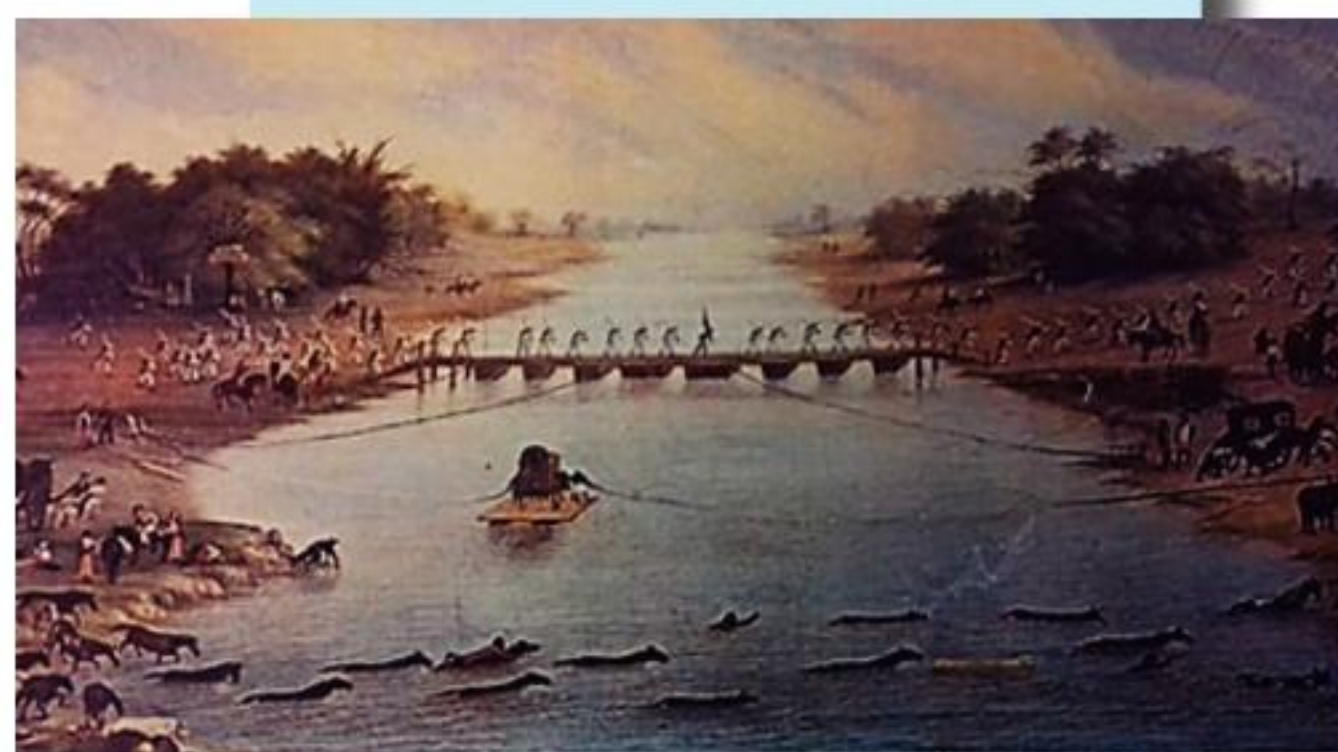
Construção de trincheiras e preparação das posições de Artilharia começaram imediatamente. O 7º Corpo de Voluntários da Pátria (CVP) ocupou a direita, e o 14º Batalhão de Infantaria (BI) o centro e lado esquerdo. O inimigo atacou na madrugada de 10 de abril.

Toda a margem da ilha foi subitamente abordada. O Tenente-Coronel Villagran Cabrita deslocou-se para onde melhor poderia conduzir a defesa, deixando o Capitão Tibúrcio responsável pelo flanco esquerdo. Nesse lado havia um grande fosso, protegido por densa vegetação, ocupado pelo inimigo, ameaçando a defesa. O Capitão Tibúrcio e o Tenente Luiz Antony decidiram então assaltar, com alto risco, diretamente a grande vala.

Parte de Combate do Cap Tibúrcio: "Alguns paraguayos... se estabelecerão dentro do fosso e dahi



Travessia do Rio Riachuelo (1865).
Cândido Lopez.
Museu Histórico Nacional,
Buenos Aires, Argentina



Travessia do Rio Santa Lúcia (1865).
Cândido Lopez.
Museu Histórico Nacional,
Buenos Aires, Argentina



Chegada das tropas aliadas à margem
direita do rio Paraná (1866).
Cândido Lopez.
Museu Histórico Nacional,
Buenos Aires, Argentina

fuzilavão a todos os nossos que tentavão tomal-os de flanco: nessa ocasião convidei... o Tenente Luiz Antony e mais 12 soldados e fomos a ferro frio carregar sobre os paraguayos que estavam no fosso; surtiu bom effeito, só ficarão 10 paraguayos no fosso, porém mortos. O flanco esquerdo continuava a ser atacado, mas, livre o fosso, fácil foi a defeza:... os tenente Luiz Antony,....



“Vilagran Cabrita”, em óleo sobre tela de Alcebiades Miranda Junior (1903-1976). Acervo da Biblioteca do Exército

conduzirão-se na defeza do flanco esquerdo e repulsa do inimigo com a maior bravura e entusiasmo.” (4).

Quando clareou o dia, havia dúvidas sobre o resultado final do combate. No fim, 640 inimigos mortos e 60 presos; 53 brasileiros perderam a vida.

Na outra margem do rio: “Era um espetáculo inenarrável....Cessou o fogo. De quem seria a vitória? Houve um momento de ansiedade, de horrível incerteza. Súbito, ouvimos os sons da alvorada festiva, que assinalava as nossas vitórias. O hino nacional, vibrante... arrebatou nossas almas juvenis.” (5).

Às 17h o Tenente-Coronel Villagran Cabrita perdeu a vida, atingido por um projétil que acertou a chata onde escrevia seu relatório. Em 1962, tornou-se o Patrono da Engenharia.

Parte de Combate do Cap Brasília Bezerra, respondendo pelo Comando do Btl Eng: “Relação dos oficiais que se distinguirão no assalto e bombardeamento do dia 10 de abril de 1866: ... Tenente Luiz Antony, commandou a 4ª companhia durante o assalto e combateu com valor e sangue frio”(4).

Parte de Combate do oficial que respondia pelo contingente de engenheiros durante o assalto paraguaio: “Seria por demais injusto não recommendando muito especialmente a V. S. os officiaes que estavam presentes, os Srs. tenentes ... Luiz Antony...” (4).

Pela bravura, Luiz Antony foi agraciado pelo Imperador com a Ordem da Rosa.

“CONDECORAÇÕES – ORDEM DA ROSA – CAVALLEIRO - Tenente Luiz Antony – Decreto de 27 de julho e diploma de 10 de Agosto do corrente anno (1866). Por serviços prestados no combate da ilha da Redenção a 10 de Abril” (4).

Transposto o rio Paraná, Itapiru foi evacuada. Os aliados marcharam para Tuiuty, área plana e mais elevada, com sucessivos combates de retardamento. Mais uma vez o Tenente Luiz Antony se sobressaiu. O terreno era apropriado para as habilidades adquiridas na Amazônia. Pelo vigor e coragem futuramente foi distinguido.

Em 24 de maio, acampados em Tuiuti, os brasileiros enfrentam e vencem a maior batalha da América do Sul. Pelo excepcional desempenho e reconhecida bravura nesses confrontos, Luiz Antony é condecorado com a Imperial Ordem de Christo:

“CONDECORAÇÕES – ORDEM DE CRISTO – CAVALLEIRO – O Sr. Tenente Luiz Antony – Decreto de 17 de Agosto e diploma de 17 de outubro do corrente

(4) Ordens do Dia da Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra (520 de 07 de julho, 522 de 19 de julho e 536 de 30 de dezembro de 1866; 683 de 28 de julho, 685 de 18 de agosto, 687 de 15 de setembro, 692 de 14 de outubro e 701 de 18 de dezembro de 1869).

(5) Cerqueira, General Dionísio. Reminiscências da Campanha do Paraguai.



A Imperial Ordem da Rosa, ordem honorífica brasileira criada pelo imperador D. Pedro I pelo Decreto de 17 de outubro de 1829, foi uma das honrarias recebidas pelo Capitão Luiz Antony (grau Cavaleiro). Jean-Baptiste Debret (1829). <http://ebacervo.eb.mil.br>



A Imperial Ordem do Cruzeiro do Sul <https://monarquia.org.br/brasil-imperial/ordens-do-imperio>



A Estrela da Grã-Cruz da Imperial Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, também recebida por Luiz Antony. Poliano, Luis Marques, Heráldica, Ed. GRD, Rio de Janeiro, 1986, p. 372

anno (1866). Por serviços prestados nos combates de 16 e 17 de abril, 2 e 24 de maio”(4).

Seus camaradas fizeram-lhe festiva reunião quando o próprio comandante do Batalhão lhe comunicou sua promoção a capitão, por bravura.

05 de setembro de 1866: “... mencionarei apenas os seguintes factos, como os mais notáveis a tomada de Itapiru pelas nossas forças, e a ultima batalha do dia 24 de maio (Tuiuti), em que tanto se distinguirão os officiaes da guarda nacional desta provincia (Amazonas) que se achão na guerra. Como prova de que ella não é indifferente ao brioso comportamento daquelles que a representão na grande luta nacional, resolveu nomear o tenente Luiz Antony, pela bravura com que se houve no ataque da ilha de Itapiru, para o posto de capitão enviando as patentes desses officiaes ao Exmo. Sr. ministro da guerra, que se dignou approvar aquellas nomeações.” (1).

“Forão approvadas as nomeações feitas em 06 de Junho findo (1866), pela presidencia da provincia do Amazonas, do Sr. tenente da guarda nacional da mesma provincia Luiz Antony, para capitão” (4).

No dia em que a esposa D. Francisca leu sua carta dizendo do recebimento da condecoração, o filho mais novo, Leandro, completava um ano. Em Manaus, a família Antony mandou celebrar solene missa e reuniu os amigos numa elegante recepção.

Em 22 de setembro de 1866, os aliados, conduzidos pelo Comandante em Chefe Bartolomé Mitre, Presidente da Argentina, atacaram a fortaleza de Curupaiti. Foi a maior derrota aliada em toda a campanha.

A estrondosa derrota em Curupaiti provocou a nomeação do Marquês de Caxias para o Comando das Forças Brasileiras no Paraguai, que assumiu em 18 de novembro de 1866, encontrando um Exército desorganizado, sem ânimo e debilitado pelas doenças pestilentas. Caxias renovou os serviços logísticos, reorganizou a tropa e reforçou o efetivo. As medidas surtiram o efeito desejado .

(1) Relatórios dos Presidentes da Província do Amazonas para a Assembleia Legislativa Provincial (de 07/09/1858, 03/05/1861, 19/01/1863, 01/10/1864, 08/05/1865, 05/09/1866 e 04/04/1869).

(4) Ordens do Dia da Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra (520 de 07 de julho, 522 de 19 de julho e 536 de 30 de dezembro de 1866; 683 de 28 de julho, 685 de 18 de agosto, 687 de 15 de setembro, 692 de 14 de outubro e 701 de 18 de dezembro de 1869).



Batalha de Curupaiti,
óleo sobre tela de Cândido López,
24 de setembro de 1866.



Vilagran Cabrita no combate
da Ilha da Redenção,
óleo sobre tela de Álvaro Martins, 1997



Dispositivo após a ocupação
da ilha da Redenção



Itapiru, 19 de abril de 1866,
República Del Paraguay.
Museu Histórico Nacional,
Buenos Aires, Argentina

No âmbito familiar conta-se que, possivelmente em Tuiuti, Luiz Antony encontra o Marquês de Caxias, numa inspeção de rotina. O Marquês lhe vê no peito as medalhas e pergunta “onde ganhou essa?”. “Em Itapiru”. Caxias teria dito “meus parabéns”.(6)

Mitre retorna à Argentina em fevereiro de 1867. Caxias passa a ser o Comandante Geral aliado inteiramente.

Nesse longo período de reorganização, o Capitão Luiz Antony foi transferido para o 50º CVP, antigo 19º, que tinha por origem as Polícias do Ceará, Sergipe e Piauí.

Em julho de 1867, reforçado com mais um Corpo de Exército organizado com base na Cavalaria da Guarda Nacional gaúcha, Caxias estava pronto. Rompeu de Tuiuti no sentido geral nordeste, desbordou e imprensou Humaitá no rio Paraguai. O 50º CVP, com o Capitão Luiz Antony, marchou na vanguarda do III Corpo, comandado por Osorio.

Mitre reassume o comando aliado em Ago 1867. A Esquadra ultrapassa as fortificações de Curupaiti.

A inclemência das condições meteorológicas atrasou e prejudicou as operações, mas o cerco apertou. Posições paraguaias foram conquistadas progressivamente.

Mitre volta para a Argentina. Em 11 de fevereiro de 1868, Caxias assume o Comando Geral definitivamente. Em 19 de fevereiro, a Esquadra ultrapassa Humaitá e alguns navios fazem uma demonstração em frente a Assunção.

Em julho de 1868, Caxias determinou a Osorio um reconhecimento em força de Humaitá. Durante a operação, o escalão de ataque perdeu a impulsão e não conseguiu

progredir. Empregada a reserva, não houve espaço para manobrá-la. Osorio decidiu pela retirada. O terreno, pantanoso, dificultava; o 50º CVP, inicialmente na reserva e depois empregado na proteção da retirada, teve 3 mortos e 13 feridos. Um deles, com grave ferimento na perna, era o Capitão Luiz Antony.



Ordem do Dia do Marquês de Caxias, Marechal e Comandante em Chefe das Forças Aliadas: “Quartel General em Pare-Cué, 25 de Julho de 1868. OFFICIAES E PRAÇAS, MORTOS, FERIDOS E CONTU-SOS NO COMBATE DA MADRUGADA DE 15 DE JULHO DE 1868 -.... 50º Corpo de Voluntários da Pátria -.... Feridos: capitão Luiz Antony...” (4).

Oito dias depois, o inimigo abandonou a cidadela. Como numa espécie de vingança contra seus inimigos e numa homenagem a seu Capitão, o 50º CVP participou do cerco, rendição e aprisionamento dos remanescentes de Humaitá.

Ferido, Luiz Antony foi evacuado e deu entrada, no dia seguinte, 16 de julho, no hospital de campanha na cidade argentina de Corrientes (7).

No hospital, um mês após, em 16 de agosto de 1868, percebendo que não retornaria, escreveu uma carta para a família, pedindo a seu pai que tomasse para si a responsabilidade da criação dos quatro filhos que deixara, registro que se encontra no Jornal do Recife, nº 263, de 13 de novembro de 1868.

No dia seguinte, delirava. Fechou os olhos e dormiu. Deve ter sonhado com os

(6) Transmissão oral da história de Luiz no âmbito da família Antony.

(7) Livro de Registro de Entradas e Saídas do Hospital de Corrientes, nº 5584. Páginas 134 e 135.

olhos azuis da esposa. Faziam 3 anos, 3 meses e 25 dias que não os via. Não mais abraçaria seus filhos. E chorou (6). Morreu em 19 de agosto de 1868, em Corrientes (7). Jamais conheceria Leandro, o filho mais novo, agora com 2 anos e 10 meses.

Coube a Caxias o lance final, a marcha de flanco através do Chaco e as vitórias da Dezembroada. Solano López abandonou a região e refugiou-se na cordilheira. Assunção foi ocupada em 5 de janeiro de 1869.

Vencedor, Caxias retirou-se do Teatro de Operações. Agora as operações seriam de perseguição ao ditador. Encurralado, finalmente o Marechal López foi encontrado. Recusando a rendição, morreu em 1º de março de 1870.

O 50º CVP, o Batalhão de Luiz Antony, como numa homenagem a seu Capitão, teve o privilégio de ser o primeiro Corpo de Voluntários a pisar em Assunção. Participou da perseguição ao ditador e esteve em Cerro-Corá, na morte de López.

Poucos registros são encontrados sobre a morte do Capitão Luiz Antony. O Jornal do Amazonas, de 29 de março de 1869, noticia missa em sua intenção, celebrada em 5 de março de 1869, na cidade de Tefé, pela Guarda Nacional; e o jornal Amazonas, de 17 de agosto de 1872, noticia uma missa de requiem, em 19 de agosto, em Manaus, na capella de São Sebastião.

Conta-se que, finda a guerra, sua viúva recebeu um veterano, não se sabe o nome, a quem ofereceu um jantar, filhos presentes. Ouviu que Luiz Antony, ainda lúcido, mas sem esperanças, pediu que quando retornasse fosse até sua família e dissesse que ele havia morrido com honra. Leandro Antony, seu filho mais novo, que não o conheceu, estava presente (6). Uma das filhas de Leandro, Layde Antony, teria 5 filhos. Um deles é hoje oficial-general reformado do moderno Exército Brasileiro.

Das muitas centenas de amazonenses voluntários, os remanescentes constituíam um grupo de apenas 55 praças e 2 oficiais. Embarcaram no Werneck com o 36º CVP (do Maranhão) e um contingente do Pará,

chegando ao Rio de Janeiro em 29 de maio de 1870. Recebidos festivamente pelo Imperador e população, os Conselheiros Souza Franco e Tito Franco discursaram saudando os Voluntários do Amazonas e do Pará.

Embarcaram no Leopoldina, chegando a São Luís em 2 de julho de 1870. Foram recebidos com todas as honras. Amazonenses e paraenses continuaram a viagem no mesmo navio, chegando em Belém no dia 15 de julho. Homenagens com festividades e honrarias foram imensas, e os amazonenses foram definidos pelo “Diário do GramPará” como “as preciosas relíquias das legiões com que contribuiu o Amazonas para a desafronta da honra nacional”.

Em 25 de julho de 1870, 5 anos após deixarem Manaus, chegam no vapor Belém “todo embandeirado em arco e saudado de terra por grandes girândolas de foguetes que de todos os ângulos da cidade subiam ao ar” (Comercio do Amazonas, 27 de julho de 1870).

Às 17 horas pisam o chão natal. Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, filho do primeiro Presidente da Província, saudou os bravos Voluntários com retumbante discurso. Disse que todos voltavam de uma “cruzada da liberdade, para onde cada cidadão se fizera um soldado, cada soldado um bravo, cada bravo um mártir à santa causa da Pátria”. “Fostes daqui em avultado número e apenas regressais poucos”.

O comandante desse punhado de heróis, que seria Luiz Antony, se não “morresse no campo de honra”, foi o Capitão Honorário (8) Marcelino José Nery, natural do Pará, filho do Major Silvério José Nery (ferido na guerra e casado com Maria Antony, irmã de Luiz Antony). Se ele não pôde ser o comandante, seu sobrinho o foi.

Não foi pequeno o esforço de guerra do Amazonas. Província nova, isolada e distante

(7) Livro de Registro de Entradas e Saídas do Hospital de Corrientes, nº 5584. Páginas 134 e 135.

(8) O posto de Oficial Honorário era atribuído, extraordinariamente, a indivíduos que tiveram conduta excepcional.

do conflito, contribuiu com 984 voluntários, dos quais 705 para o Exército. Com a menor população masculina do Império, sua taxa de participação foi de 2,37%, compatível com a média brasileira de 2,50%.

Como epílogo, pergunta-se: o que motiva homens como Luiz Antony a abandonar suas famílias e suas vidas bem suce-

didadas, para uma guerra tão distante?

Este artigo é uma tentativa de reconhecer verdadeiros heróis, hoje desconhecidos. O Capitão Luiz Antony é o exemplo perfeito.

Que não seja apenas uma fria e velha placa pendurada numa rua em Manaus.

Que não seja uma vida esquecida.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Gustavo. Uniformes do Exército Brasileiro 1730 - 1922. Paris: Ferroud, 1922, 350p.

BRAUMANN, Lazario. Esboço Biográfico de Henrique Antony. Revista Victoria Regia, Manaus, Abr 1932.

DORATIOTO, Francisco. Maldita Guerra. (Nova edição): Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, 617 p.

DUARTE, Gen Paulo de Queiroz. Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1986.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, edições de 5/06/1865 e 22/06/1865.

JORNAIS DE MANAUS. Amazonas (24/ 10/1868). Commercio do Amazonas (27/07/1870). Estrella do Amazonas (28/02/1857, 28/07/1858, 21/05/ e 05/10/1859). O Catechista (11/02, 29/04 e 06/05/1865).

LOUREIRO, Antônio José Souto. O Amazonas na Época Imperial. Manaus: T. Loureiro, 1989.

LYRA TAVARES, A. de. Vilagran Cabrita e a Engenharia de seu tempo. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. Fundação de Manaus. Manaus: Editora Metro Cúbico, 1994.

PENNA, Ignez Antony Jansen. A vela que passa na noite que fica. Não publicado.

REIS, Arthur César Ferreira. História do Amazonas. 2 ed. Belo Horizonte/ Manaus: Itatiaia/ Superintendência Cultural do Amazonas, 1989.

TAUNAY, Alfredo d'Escragno. A Retirada da Laguna. São Paulo: Martin Claret, 2003.

Jeannot Jansen da Silva Filho

Amazonense, de Manaus, nasceu em 1947. Aspirante de Infantaria na AMAN em 1970. Especialista em Operações Especiais, foi instrutor dos cursos de Guerra na Selva e de Comandos e de Instrução Especial na AMAN. Aviador, participou da implantação e consolidação da Aviação do Exército, sendo Oficial de Ligação junto à Aviação do Exército dos EUA em 1993 e 1994, quando teve o privilégio de ser o primeiro oficial brasileiro a usar as asas de Aviador daquele Exército. Foi Subcomandante do 1º e Comandante do 3º BAvEx; como oficial general comandou a Aviação do Exército em 2002, 2003 e 2004, foi Diretor de Material de Aviação por duas vezes e comandou a 8ª DE/8ª RM. Passou para a Reserva em 2008. Ex-Secretário de Estado de Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Pará. É bisneto de Luiz Antony.